



PROPRIEDADE DO CLUB X

REDACTORES PRINCIPAES

Almirante Duque de Pick-Nick e Conde da Floresta Negra

Publica-se nos dias 1 e 15.—As assignaturas são gratis.

ANNO I.

RIO DE JANEIRO 15 DE SETEMBRO DE 1867

N. 3.

Rio, 15 de Setembro.

O *chicard* começa a ter importancia no mundo social. O chapéo alto, o *paletot* e as luvas ficam-lhe a matar. Com a mesma facilidade com que entra em um café, vai ao theatro, e apresenta-se em um salão. Já lhe chamaram pelintra, e não sabemos que mais.... « Honi soit qui mal y pense. »

O seu defeito é divertir-se, e divertir-se muito.

Aqui, transforma-se em um X, e, como a esphinge da fabula, pede, entre um sorriso e um beijo, a decifração do enigma a todas as beldades que passam.

Acolá, solta uma estridente gargalhada, gargalhada *chromatica*, que, igual á tuba do valle de Josaphá, echôa pelas ruinas da Jerusalém perdida, e vai lá despertar as Venus da mythologia hodierna, que se consorciavam em esplendido banquete.

Além, toma o uniforme de *tenente*, e, de viseira e escudo, sobraçando um canhão tomado nos combates da Argelia, perfila-se ás portas do Averno para guardar as reliquias guerreiras do seu glorioso passado.

Mais longe, torna-se divertido, amavel e galanteador, como um *estudante* em férias, que passa as noites debaixo das janellas das encantadoras loureiras á procura de amores e á cata de aventuras.

E no meio de todas estas transformações ha ainda um *chicard*, verdadeiro *gymnastico*, que não anda pela terra como os outros, mas que, á semelhança das aguias, vôa pelos ares de trapezio em trapezio, com pasmosa ligeireza.

O *chicard*, por tanto, é o Protheu dos nossos empos.

Os *touristes*. infatigaveis viajantes que se não cansam de narrar as suas impressões, que raras vezes impressionam, nunca fallaram deste novo socialista, cuja escola é a melhor de todas as escolas philosophicas.

Mas que importa isso?!

No seu porte esbelto, na elegancia artistica do seu vestir, no deslizar dos dedos por um bigode negro, no seu sorrir malicioso, e, sobretudo, no seu olhar febreitante de paladino, — está o seu triumpho, estão as suas glorias e a sua historia a fallarem já bem alto. As candidas e formosas rainhas do seculo, sabem bem se isto é ou não verdade, se um *chichard* não arrasta, não prende, não seduz e céga os seus olhares enamorados!

Não ha resistir-lhe.

A Escriptura disse, e disse-o com toda a sublimidade divina—o *vinho da mocidade embriaga*. E o *chicard* é moço, moço como os primeiros clarões da aurora n'uma manhã calmosa do estio, moço como o sól e como Deus cujo olhar ainda não cansou de mirar a eternidade, segundo a phrase do Barão de Gavarni.

O seu reinado começa, pois, a ser um reinado, não dos *tres dias*, mas longo, grande, immenso como os seculos do Oriente e as pyramides do Egypto!

Não lhe faltam elementos para isso, o que lhe falta ainda é mais centralisação de ideias, e confraternisação de principios.

Seja o *chicard* um typo distincto no meio da sociedade!

Nada mais facil.

Da união nasce a força.

ALLAH! X!

MODAS.

Em todas as partes do mundo, desde as éras mais remotas, tem-se considerado a moda uma veloz locomotiva do progresso, de cujas consequências fataes soffrem uns e aproveitam outros.

E' questão antiga entre os moralistas de rabi-cho e calção, se a maneira de trajar de cada individuo, concorre ou não para a designação do nome com que o appellidam.

O adagio: *o habito não faz o monge*, vem recordal-a.

Comtudo, ha duas especies de typos originaes que são inabalaveis, e atravessam os seculos sempre com as mesmas denominações, — os janotas e os jarretas.

Não quero agora lançar-me ao meio de semelhante debate, mas é certo que os povos mais ciosos da sua antiguidade conservam os seus trajos primitivos. Em quasi todas os estados do Oriente ha esta aberração, e ainda hoje pelo vestir conhecemos logo o judeu, o turco, o chim, o japonéz, e outros que taes.

Na Europa ha muitos povos aferrados ás suas remotas tradições, e sobre tudo na Hespanha, onde subsistem trajos desde a sua infancia. Em alguns lugares de Portugal conserva-se igualmente o mesmo apêgo aos vestuarios antigos.

Deixando, porém, á margem esta questão, é todavia innegavel que a distincção dos diferentes povos pelos seus trajos, deleita pela variedade e poesia de muitos delles.

A uniformidade e monotonia repugna tanto á natureza como á arte.

Hoje é tão diverso o vestir na nossa sociedade, e até o da gente mais sisuda, que bem se vê que não ha mais barreira contra os caprichos da moda e os dispendios do luxo. Não é intento meu redicularisar o janota de bigodes encerados, terminando em ponta de fio de sapateiro, com um chapelinho, que, não obstante a sua descommunal altura, mal lhe cabe na cabeça, com umas calças tão justas que só a custo se póde assentar, em summa, uma especie de manequim bem apropriado para sérios estudos plasticos.

Não, não é esse o meu intento.

O que eu quíz foi apresentar o typo do peralvilho.

Não quero igualmente incorrer no desagrado da leitora *coquette*, mas permitta-me dizer que aquella soberba grimpá de cabellos e enchumaços que lhe assenta no alto da cabeça. faz-me

sempre lembrar os famosos penteados, que deram thema á bem conhecida satyra de Nicolau Tolentino.

O vestido se não é sobre o curto, como se fôra ainda de menina de collegio, passa a varrer as ruas com a sua longa cáuda.

O balão está banido!

O chapelinho de que usam as damas da Córte, perde-se de vista no meio de um jardim de flores.

Por aqui se vê que quando a penna quer satyrisar não faltam typos como estes, os quaes julgam vestir-se no requinte da móda e inventam apenas uma caricatura.

VISCONDE DE COCK-TAIL.

UM SONHO E A HISTORIA DE UM CRAVO.

Como é suave sentir-se o somno descer brandamente sobre as palpebras; como é doce sentir a fada dos sonhos descortinar com os seus roseos dedos, os encantos de um viver em continuado extasi.

Vinde pois! suave somno.— Vinde! fada dos sonhos, affagai-me no vosso seio! E assim me senti transportado para o reino do silencio, e assim senti adormecer o corpo, e toda a força de vida reconcentrar-se na alma.

Foi assim que pouco e pouco vi formar-se um vulto. Eras tu oh! imaginação, que abrias as tuas brancas azas e subias ás regiões do desconhecido, emquanto o corpo, involucro que deixáras, se deleitára na paz do silencio e do descanso. Eia pois! ergue-te. Vês aquellas montanhas? Sobe á mais alta. Lança no espaço quatro gestos cabalisticos na direcção dos pontos cardeaes; chama os vampyros, os fogos fatuos, os gnomos; e rodeado dessa córte fatidica, invoca a inspiração.

Approxima-te bem lá do alto, que lá embaixo nos valles nada ha para compôr a bruxaria. As velhas, que debaixo da mantilha, accumulam os cobres pelo amor de Deus, não valem uma feitiçeira espiritual. Conheço o teu paladar ethereo. Olha pois para o sul, ponto propicio ás sybillas e vaticina.

Nevoas, só nevoas... aquella alvura immutavel; aquella nuvem, que não despede uma faísca de luz: que não troveja nem corre impellida pelo turbilhão; que não tem no seio um estampido para despertar-te da esterilidade, e não ha um echo que te leve o uivar da fera, inspirando-te horror, e não ha uma nota de muzica, que sonora e triste te commova fugindo nos páramos da immensidade, e não percebes nem o

sussurro da vida lá em baixo nem o giro das esferas lá no alto. Mas isto é horrível para quem chama a inspiração. Este silencio sepulchral. Tudo vazio e vago...

Subito, porém, innunda-se o ar de luz. Céu e terra parecem querer fundir-se n'um tremor convulso. Os montes oscillam e desprendem do mais alto cimo immensos rochedos e... ah! nos destroços desse cataclysmo, entre troncos, espinhos e flôres, lá vem em mil fragmentos o dilacerado vulto da minha infeliz e pobre imaginação.

E eu sonhava assim, quando trazia sobre o meu coração, um lindo cravo escarlata; sonhava assim, quando sabia que tinha de contar a sua historia. Perdoai-me, eu vol-a conto.

Foi n'uma noite, em que as estrellas fulguravam mais que de ordinario, n'uma noite em que o olhar lita-se insensivelmente no firmamento e procura descobrir nas mais afastadas constellações uma estrella que escolhe como seu fanal nas trevas da vida. Uma casa situada na meia encosta da montanha, sobre uma plataforma, rodeada de artistico jardim, ricamente illuminada, dava facilmente a entender a quem passasse, que:

« O Castello feudal pernoita em festa. »

Foi ali dentro na mais esbelta cintura, collocado pelas proprias mãos do mais lindo anjinho, como para fazer o contraste do seu rosto, que, como a rosa, brotava daquelle vestidinho verde; que vi um cravo, rubro como sóe ser o sol, ao descambar nas purpurinas brumas do poente ou como o carbunculo n'um leito de esmeraldas.

O italiano diz com convicção o seu

« *Vedere Napoli e poi morir.* »

Eu, porém, disse com dilirio

« *Possuil-o e depois morrer.* »

— Senhora, se ha momentos de suprema felicidade em nossa vida, é quando em nossa alma sentimos abrir-se um mundo de poesia... essa flôr que traz em seu cinto, abriu em mim um mundo de sensações sublimes! dê-m'a, eu lh'o peço.

— Senhor, esta flôr ornava uma imagem, e não posso nem devo abandonal-a.

— Sim! Dê-m'a, adornava uma imagem e ainda adorna. Essa imagem sois vós, e insisto que m'a dê, senão, roubal-a-hei.

Uma walsa apaixonada e languida como o ultimo suspiro de Weber, interrompeu a nossa conversação.

Hei-de possuil-o, e foi a jura que sobre a cabeça dos meus antepassados lancei de uma das janellas do edificio no ether estrellado. A minhã ameaça em pouco era realidade. Dentro do meu seio, hoje

o confesso, abafei o fogo que de cada petala, despedio a cobiçarda flôr.

Mas oh! fatalidade!...

Um olhar indiscreto e impertinente perseguio-me. Eu não o havia notado, um ouvido vigilante e attento ouviu a minha jura.

Chegou o momento supremo. Dona A. sentio a falta da sua flôr e n'um circulo de ferro eu era accusado do rapto de um *viuva*.... Oh! perdão, de uma flôr.

Confessar o meu crime, importaria a restituição do meu talisman. A sublimidade do criminoso, o sublime do crime, é saber sustental-o na sua altura. Foi o que, como criminoso, com verdadeira arte, impavidez, calma e ousadia eu fiz.

Desarmados os meus accusadores, deixaram pender os braços e me parece mesmo que de longe ouvi uma voz dizer: está innocente... e assim quantas vezes não é innocente o culpado — e culpado o innocente.

Como já vos disse era um cravo escarlata.

Roubei-o. Pertence-me.

Proudhon diz:

La propriété c'est le vol, é essa a minha unica justificação. Não o trago pôr fóra do meu *paletôt* porque não é commenda da Rosa, trago-o porém sobre o meu coração, se é que a leitora consente que tenha coração o

CONDE DA FLORESTA NEGRA.

GYMNASTICA FRANCEZA.

No domingo passado festejou esta sociedade o seu segundo anniversario.

A directoria do Club X, graciosamente convidada, assistio com praser a essa festa.

A boa educação e o cavalheirismo dos membros dessa sociedade, sempre foram apreciados por todos aquelles que os conhecem e muito especialmente pelos nossos consocios do X.

Com estas qualidades é facil agrupar em redor de si moços e moças; velhos e velhas, que profiem qual será o mais prodigo em applausos. Além disso, são elles déstros gymnasticos.

Os trabalhos no trapezio, collocado n'uma altura, em que qualquer profano nessa arte, só em olhar para baixo sentiria vertigem; foram executados com bastante pericia pelo Sr. G. Não menos habil é o Sr. C. no mesmo genero de trabalho e que surpreendeu o immenso auditorio com os seus arriscados e difficeis saltos mortaes.

A gymnastica é um dos exercicios mais proveitosos para o desenvolvimento physico do corpo que por sua vez influe beneficamente sobre o espirito. O calor dos tropicos, porém, provocando uma transpiração por demais copiosa, extenua e debilita de tal fórma, que muitas vezes desanima o mais fórte e esteriliza as boas disposições da

mocidade para esse tão util genero de distracção. Torna-se por isso, tanto mais saliente a força de vontade dos socios da *Gymnastica Franceza* e em quanto nos fôr permittido unir os nossos applausos aos seus trabalhos, nós o faremos com toda a espontaneidade de verdadeiros amigos.

A sua festa não se cingia sómente á sessão de gymnastica. Os que antes se mostraram habéis gymnasticos, patenteiam agora o seu garbo em uma arrebatadora valsa, ou em uma animada contradansa, mostrando sempre o mesmo *savoir faire*.

Um comprido collar de luzes em pequenos copos de variegadas côres, estendia-se dos dous lados desde a entrada até ao pavilhão, e os galhardetes dispostos no mesmo sentido, lhe emprestavam um bonito e alegre aspecto.

Pena foi, não ser maior o lugar destinado para a dansa; não obstante poucas senhoras deixaram de dansar e algumas prometteram a tantos as suas dansas, que muitos ficaram em branco como ficou o

CONDE DA FLORESTA NEGRA.

TENENTES DO DIABO.

Na caverna escura de Satan, no recesso tenebroso e lubrico de Plutão, nos antros fatidicos dos phantasmas e dos espiritos, agita-se uma questão gravissima a todos os respeitos.

A historia da humanidade nunca registrou em suas paginas um facto de tanta transcendencia!

Petrarcha, Dante, Camões, Bernardim Ribeiro, Espronceda, Byron, se um dia elevaram os olhos para o throno, foi no meio das suas trovas e dos seus cantos, entré as maiores concepções do talento e a immortalidade que já lhes sorria atravez da campa. A realza do talento se pretendia subir os degrãos da realza do sangue, tombava em meio caminho, com a cabeça decapada pelo cutelo do algoz. A côrte de França, na idade devassa de Dubois, deu o primeiro passo para o grande triumpho da mais livre emancipação do sexo amavel, nas altas regiões do sangue, do poder e da grandeza.

Não havia limites entre uma rainha e o mais humilde cortezão. Os preconceitos do nascimento cahiram.

Um criado era um homem, uma rainha era uma mulher, o primeiro igual a Adão, a segunda igual a Eva, se acreditarmos Cuvier.

O caso, porém, de que se occupam os *Tenentes*, é muito diverso. Não se trata de um peão que se enamorasse de uma dama de honor ou de uma princeza, trata-se, sim, de um principe de um Estado que fez a côrte a uma rainha de outro Estado, com o qual havia as mais cordiaes relações de amizade.

Aqui, portanto, a *gravidade* assenta n'uma só base: em ir o principe sem prévia licença do Estado amigo, lançar-se lá nos braços da sua Julieta, inseparavel companheira dos romances da Georg Sand. Atirado por terra este argumento, resta saber a quem pertence o herdeiro, filho desses tão poeticos amores....

Um dia o diremos.

A. D. P. N.

POESIA

A una niña.

Si tus ojos, Dueño mio,
Son del sol vivos destellos:
Benditos tus ojos bellos,
Que me hacen morir de amor.

Si tu boca purpurina
Es la balsámica rosa:
Bendita tu boca hermosa
Com su dulcísimo albor.

Si tu graciosa cintura
Es la airosa y tierna palma,
Cuando las auras, en calma,
La imprimen dulce vaiven:
Bendito el grato columpio
Que hace morir de esperanza,
Bendito el mortal que alcanza
Gozar de tan bello Eden!

PRINCIPE DE CITAREA.

Aspirações

Ai! se eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos — palpitante o seio! ..
(CASIMIRO DE ABREU).

De um céu formoso a mais formosa estrella
Veio uma noite se espelhar nas aguas...
Brilhou-me n'alma, seduziu-me a louca,
Foi luz nas trevas de passadas maguas!

Ai! do romeiro que em medonha noite,
Cançado, exausto, sem achar conforto,
No firmamento não encontra um astro,
Pharol divino que lhe ensine um porto.

Ai! de quem vive sem gozar a vida!...
Morto, isolado no seu pobre leito,
Sem uma estrella de que seja escravo,
Sem febre ardente a devorar-lhe o peito!

E eu sou escravo do poder de um anjo
Que me arrebatou ao palpar dos seios,
Que me fascina, me deslumbra e cega
Se o sinto perto a soluçar d'anceios.

Ai! se eu pudesse no prazer de um sonho
Entre seus braços ir morrer de amor,
Ai! como a furto lhe daria um beijo,
Um só, no collo de nevada côr.

Ai! se eu pudesse de seu peito junto
Sentir nas veias o fervor do sangue...
Ai! que do gozo, no supremo instante,
Eu cahiria amortecido, exangue.

A. D. DE PK. NK.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA — PERSEVERANÇA — RUA DO HOSPICIO N. 91.